

REENCONTRO
literatura

Lima Barreto

**Triste fim de
Policarpo
Quaresma**

Adaptação de
José Louzeiro

Ilustrações de
**Luís Gê e
Chico Coelho**



editora scipione

Gerência editorial
Sâmia Rios

Edição
Samira Youssef Campedelli

Assistência editorial
Dulce S. Seabra

Preparação
Roberto Belli

Revisão
Cristina Yamagami,
Gerson Takashi Yamagami
e Thiago Barbalho

Coordenação de arte
Maria do Céu Pires Passuello

Diagramação
Fábio Cavalcante

Programação visual de capa e miolo
Didier Dias de Moraes

Ilustração de capa
Luis Gê e Chico Coelho

Ilustração de miolo
Luis Gê



editora scipione

Avenida das Nações Unidas, 7221
Pinheiros
CEP 05425-902 – São Paulo – SP

ATENDIMENTO AO CLIENTE
Tel.: 4003-3061

www.coletivoleitor.com.br
e-mail: atendimento@aticascipione.com.br

2019
ISBN 978-85-262-4442-9 – AL

CL: 735010
CAE: 225840

2.^a EDIÇÃO
16.^a impressão

Impressão e acabamento



Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Barreto, Lima, 1881-1922.

Triste fim de Policarpo Quaresma / Lima Barreto;
adaptação de José Louzeiro; – São Paulo: Scipione,
1999. (Série Reencontro literatura)

1. Romance brasileiro I. Louzeiro, José. 1932–.
II. Título. III. Série.

98-3113

CDD-869.935

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances: Século XX: Literatura brasileira 869.935
2. Século XX: Romances: Literatura brasileira 869.935

Este livro foi composto em ITC Stone Serif e Frutiger
e impresso em papel Offset 75g/m².

SUMÁRIO

Nota do adaptador	04
<i>Quem foi Lima Barreto?</i>	05
PRIMEIRA PARTE	07
A lição de violão	08
Reformas radicais	12
A notícia do Genelício	20
Desastrosas consequências de um requerimento	24
O bibelô	33
SEGUNDA PARTE	39
No “Sossego”	40
Espinhos e flores	45
Golias	48
“Peço energia, sigo já”	56
O trovador	63
TERCEIRA PARTE	69
Patriotas	70
Você, Quaresma, é um visionário	78
... E tornaram logo silenciosos...	85
O Boqueirão	89
A afilhada	96
<i>Quem é José Louzeiro?</i>	104

NOTA DO ADAPTADOR

A adaptação de um clássico é, antes de tudo, um gesto de admiração pelo escritor, uma tentativa de divulgá-lo para jovens leitores.

Adaptar *Triste fim de Policarpo Quaresma*, lido e relido tantas vezes, foi tarefa árdua, porém gratificante. As maiores dificuldades surgiram nos momentos das necessárias elisões, em função de ter que selecionar os elementos romanescos e, também, da atualização de certas palavras e até de expressões inteiras.

José Louzeiro

QUEM FOI LIMA BARRETO?

Nascido em 1881, no Rio de Janeiro, filho de pais mulatos, Afonso Henriques de Lima Barreto a duras penas frequentou a escola pública e depois o internato. Em 1895, com 14 anos, foi transferido para o Ginásio Nacional e depois para o Colégio Paula Freitas, no Rio de Janeiro, onde se preparou para o curso superior na Escola Politécnica.

Viveu numa pensão na Rua do Ouvidor e desde cedo enfrentou o preconceito racial, que o isolou e excluiu da companhia dos colegas.

Com a loucura de seu pai e precisando sustentar os irmãos, trabalhou como funcionário da Secretaria da Guerra, no ano de 1903.

Em 1905, ingressou no jornalismo com uma série de reportagens que escreveu para o *Correio da Manhã*. Ao mesmo tempo, dedicou-se à militância política no Comitê do Partido Operário Independente.

Em 1909, estreou como escritor. Em Lisboa, foi lançado o romance *Recordações do escrivão Isaías Caminha* e, em 1911, o *Jornal do Comércio* começou a publicar, em folhetins, o segundo romance, *Triste fim de Policarpo Quaresma*. A escalada literária de sucesso não impediu que Lima Barreto fosse dominado pelo álcool. Em 1914, foi internado para tratamento.

A partir de 1916, participou das lutas radicais do jornalismo de esquerda contra o poder dominante e apoiou a plataforma dos anarquistas, os quais provocaram a grande greve operária de 1917. Lima Barreto publicou, nesse ano, o *Manifesto Maximalista*, no qual informava equilibradamente o significado da Revolução Russa.

Embora doente e fraco, Lima Barreto chegou a escrever para duas revistas, além de publicar *Os Bruzundangas*. Em 1918, aposentou-se e, no ano seguinte, publicou *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*.

Escreveu o romance *Clara dos Anjos* e o relato *Cemitério dos vivos*, em que conta a vida de um alcoólatra interno. A doença, a miséria, os delírios de seu pai louco levaram-no a um colapso cardíaco, em 1922, nove meses depois da Semana de Arte Moderna.

*Le grand inconvénient de la vie réelle et ce qui la rend insupportable à l'homme supérieur, c'est que, si l'on y transporte les principes de l'idéal, les qualités deviennent des défauts, si bien que fort souvent l'homme accompli y réussit moins bien que celui qui a pour mobiles l'égoïsme ou la routine vulgaire.*¹

Ernst Renan, *Marc-Aurèle*.

¹ “O grande inconveniente da vida real e o que a torna insuportável ao homem superior é que, se para ela transportamos os princípios do ideal, as qualidades se tornam defeitos, de tal modo que frequentemente o homem íntegro aí se sai menos bem que aquele que tem por causas o egoísmo e a rotina vulgar.”

Marco Aurélio, do escritor francês Ernest Renan (1823-1892).

Primeira parte



A lição de violão

Como de hábito, Policarpo Quaresma, mais conhecido por Major Quaresma, retornou do trabalho para casa, no bairro de São Januário, às quatro e quinze da tarde. Há mais de vinte anos que isso acontecia. Deixava o Arsenal de Guerra, onde era subsecretário, por volta das três, demorava-se pelas confeitarias à procura do melhor e mais barato queijo, do pão francês mais quentinho, dos biscoitos de polvilho.

Tornara-se de tal forma regular seu retorno a casa, que uma vizinha costumava gritar para a empregada:

– Alice, olha a hora. O Major Quaresma já passou!

A par da regularidade, havia esquisitices envolvendo o major. Embora sua residência fosse espaçosa e confortável, não recebia visitas e, em toda a redondeza, não tinha amigos nem inimigos. O Dr. Segadas o criticava. Não se conformava que tivesse transformado uma de suas salas em biblioteca, as paredes cobertas de livros.

– Se não é formado em nada, pra que tanto livro? É puro pedantismo!

Mas, depois de certo tempo, os hábitos do major pareciam mudar, o que provocava comentários. Três vezes por semana, em dias certos, um sujeito baixinho e ágil, magro e pálido, com um violão protegido numa capa de camurça, visitava Quaresma. Por que semelhante instrumento se o funcionário do Arsenal de Marinha era pessoa do mais alto respeito?

A mulher do Capitão Cláudio e uma amiga combinaram de passar repetidas vezes diante da janela entreaberta até descobrirem o mistério. Policarpo era aluno do baixinho e tocava abraçado ao “pinho” com pose de malandro.

Pouco depois aconteceria o pior: sem a menor cerimônia, ele próprio saiu de casa, conduzindo o violão debaixo do braço. Por causa disso, diminuiu bastante a consideração e o respeito da comunidade por ele. Estaria ficando maluco?

– Você precisa tomar juízo – dizia-lhe Adelaide. – Com a posição que tem, não é nada recomendável que ande de amizade com um seresteiro.

– Está muito enganada, mana – argumentava. – É preconceito supor que todo violonista é um desclassificado. A modinha é a mais genuína expressão de poesia nacional. Em Lisboa, no século passado, um auditório de fidalgos aplaudiu o Padre Caldas², que tocou algumas delas. O Conde Beckford, que lá estava, emocionou-se com o músico.

– Essa época vai longe, Quaresma – acentuou Adelaide. – Agora, quem se mete com violão e seresteiro é vagabundo. A polícia prende!

– Não se preocupe. Sei bem o que estou fazendo! – E meteu-se na biblioteca.

De um lado, só autores nacionais: de Bento Teixeira, com sua *Prosopopeia*, a Joaquim Manuel de Macedo e Gonçalves Dias. Nas estantes maiores, os estudiosos de História do Brasil, desde Gabriel Soares, passando por Rocha Pita, Frei Vicente do Salvador, Capistrano de Abreu, Varnhagem e tantos outros³. Além dessas obras, havia dicionários, enciclopédias, compêndios de antropologia, mineralogia e geografia.

Embora não tivesse ambição política, Policarpo caracterizava-se como patriota que desejava conhecer seu país. Não se sabia onde nascera, mas, decerto, não fora em São Paulo, no Rio Grande do Sul ou no Pará. Errava quem quisesse encontrar nele qualquer tendência regionalista.

Aos dezoito anos quis fazer-se militar, mas foi julgado incapaz. Desgostou-se, sofreu, mas não maldisse a Pátria. Se não

² O compositor Domingos Caldas Barbosa divulgou a modinha, a partir de 1775, cantando nas cortes portuguesas. Fazia-se acompanhar na viola. Lorde Beckford (1786) assistiu a uma dessas reuniões na Corte de D. Maria I, em Lisboa, onde as modinhas eram tocadas e encantou-se com o ritmo.

³ O épico *Prosopopeia*, de Bento Teixeira, foi publicado em 1601 e é considerado o primeiro poema autenticamente nacional; Joaquim Manuel de Macedo foi o autor do primeiro romance brasileiro, *A Moreninha*, publicado em 1844; o poeta romântico Gonçalves Dias foi indianista convicto, tendo publicado, entre outros, o longo poema “Os Timbiras”. Como se nota, o maior dá ênfase ao produto nacional, não só no plano dos literatos, como também no plano dos historiadores do Brasil.

podia ser um soldado, serviria na administração da Marinha, onde, tinha certeza, também desempenhava missão patriótica.

Paralelamente à cultura geral que adquirira, Policarpo passou a estudar o tupi-guarani com afinco. Todas as manhãs e até o almoço, lia o Montoya, *Arte y diccionario de la lengua guaraní ó más bien tupí*⁴.

A dedicação aos temas nacionais não passou despercebida na repartição, principalmente pelos escreventes, que o apelidaram de Ubirajara. Provavelmente, fora o amanuense Azevedo o autor da brincadeira. No dia em que soube do apelido, tornou-se ainda mais reservado e, contrariando seu costume, deixou de conversar com os colegas na “hora do café”; não lhes disse que havia petróleo na Bahia; que as árvores da borracha cresciam às margens do rio Pardo, em Mato Grosso e, também, na Amazônia; que os rios brasileiros poderiam ser de grande poder energético.

– Que chato esse Quaresma!... – queixava-se Azevedo.
– Vive falando das nossas riquezas e o zé povinho por aí, na pindaíba!

Era assim o Major Policarpo, que acabara de chegar à sua residência, às quatro e quinze, sem erro de um minuto. Sentou-se na cadeira de balanço, pôs-se a ler um trecho da *História da América Portuguesa*, de Rocha Pita. Bateram, ele abriu.

– Estou atrasado?

– Não. Chegou bem na hora.

Ricardo Coração dos Outros, esse o nome do professor, gozava de muita fama. Embora criticado pelos preconceituosos, tocava com frequência para as melhores famílias do Meier, Piedade e Riachuelo. Entre os músicos, seu prestígio não era menor. Exercitava-se no instrumento até de olhos fechados. Essa habilidade desejava passar ao aluno, de quem exigia dedicação.

– Já sabe dar o ré sustenido?

⁴ Antonio Ruiz de Montoya (1585-1652): jesuíta e linguista peruano, autor de *Tesouro da língua guarani* e *Arte da língua guarani*.